



## Revisão narrativa: controvérsias acerca do construto teórico da memória autobiográfica

### Narrative review: controversies about the theoretical construct of autobiographical memory

Artemis Paiva de Paula  
Izabel Augusta Hazin Pires  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Brasil

#### Resumo

Na atualidade a memória autobiográfica ainda se apresenta como um construto teórico de conceituação polêmica. Embora os teóricos, em sua maioria, concordem com seu caráter declarativo, predominantemente episódico e autorreferenciado, coexistem diferentes concepções sobre suas especificidades e processo de desenvolvimento. As diferenças aqui mencionadas refletem divergentes pontos de vista, apoiados em perspectivas teóricas diferentes que, conseqüentemente adotam distintos métodos de pesquisa, resultando em dados nem sempre análogos. Neste contexto, o presente artigo pretende discutir as principais concepções teóricas existentes sobre a memória autobiográfica, assim como, considerando o posicionamento das diferentes abordagens teóricas, elucidar o período da amnésia infantil, que se refere diretamente ao desenvolvimento da memória autobiográfica.

**Palavras-chave:** desenvolvimento infantil; desenvolvimento neuropsicológico; memória autobiográfica; infância; abordagens teóricas

#### Abstract

Nowadays, autobiographical memory is still as a polemical theoretical construct. Although most theorists agree with its predominantly episodic and self-referential declarative feature, different conceptions coexist about its specificities and developmental process.. The differences mentioned here reflect divergent views, supported by different theoretical perspectives, which consequently adopt different methods, resulting in different data. In this context, this article discusses the main theoretical concepts on autobiographical memory, as well as, elucidates the period of infantile amnesia, which refers directly to the development of autobiographical memory, considering the positioning of the different theoretical approaches.

**Keywords:** growth and development; Developmental Psychology; autobiographical memory; child; theoretical approaches

#### Introdução

A memória autobiográfica - MA tem sido alvo de embates no campo científico, notadamente a partir da década de 80, quando se tornou temática em evidência na área da psicologia, com significativo aumento do número de pesquisas e publicações. Entretanto, ainda hoje na literatura especializada pairam questionamentos e discordâncias em relação ao



seu conceito, classificação no sistema mnemônico e seu processo de desenvolvimento (Bauer, 2015a; Rubin & Umanath, 2015; Schneider, 2015)

Considera-se aqui MA como um tipo de memória explícita, por envolver a evocação de conteúdos conscientes, relacionados à história de vida do sujeito que a evoca (Bauer, 2014; Bauer, 2015a; Miller, 2014; Rubin & Umanath, 2015; Schneider, 2015; Schneider & Ornstein, 2015), o conjunto de informações relacionadas à própria pessoa que recorda, em registro simultâneo de imagens e fatos de acontecimentos passados, circunscritos no espaço e tempo cronológico. Este processo está associado ao estado mental subjetivo denominado de recordação consciente, elemento distintivo da MA em contraste com os demais processos de memória (Greenberg & Rubin, 2003).

O estado mental que acompanha a MA é resultante da interposição de conjunto de capacidades psicológicas, tais como a capacidade do indivíduo de refletir sobre seus próprios estados mentais, a crença por parte desse indivíduo de ser responsável por seus pensamentos e ações, bem como a habilidade de pensar sobre o tempo cronológico como desdobramento de acontecimentos com significação pessoal. O conjunto destas habilidades transforma este tipo de representação mnêmica em experiência autobiográfica pessoal (Greenberg & Rubin, 2003).

No entanto, identifica-se na atualidade grande variabilidade na conceituação da MA, que acompanham as inúmeras abordagens teóricas que se debruçam sobre a compreensão dos sistemas de memória, não havendo, portanto, consenso de opiniões. Os embates se iniciam com a refutação/aceitação da MA enquanto subsistema autônomo da memória explícita (Rubin & Umanath, 2015; Tulving, 2002), avançando para a seleção daquelas características consideradas necessárias para definir uma recordação autobiográfica (Bauer, 2015a; Fivush, 2011; Nelson & Fivush, 2004), culminando com as divergências em torno do desenvolvimento ontogenético da MA, em especial, no que tange ao momento da sua emergência, o entendimento acerca da amnésia infantil e o estabelecimento das principais mudanças desenvolvimentais que permitem a emergência da MA (Fivush, Habermas, Waters & Zaman, 2011; Howe, 2003; Nelson & Fivush, 2004);

Schneider (2015b) e Bauer e Fivush (2013) ressaltam que nos últimos anos o interesse sobre a temática da MA tem crescido significativamente, exigindo uma maior e melhor compreensão acerca deste sistema de memória. Paralelamente, Bjorklund e Sellers (2013) apontam a necessidade de estudar o desenvolvimento da MA na infância, argumentando que a ontogênese, em certa medida, repete a filogênese. Nesse sentido, defendem que os primeiros rudimentos da MA teriam ocorrido durante a infância, tendo em vista, a maior plasticidade do sistema nervoso neste período. Além disso, os mesmos argumentam que tal sistema de memória seria um dos aspectos delimitadores entre humanos e os demais animais.



Neste contexto, o objetivo central do presente artigo é explorar as principais abordagens e modelos teóricos da MA, apresentando as diferenças conceituais e os impasses encontrados na literatura, pois para compreender qualquer fenômeno humano complexo é necessário reconstruir sua trajetória, partindo das formas mais primitivas e simples até seu estado atual - ou seja, estudar a sua história (Durkheim, 1996). Os dados aqui apresentados são fruto de revisão bibliográfica em livros da área e nas plataformas CAPES, PubMed, Psycinfo, utilizando os seguintes descritores em português e inglês respectivamente: Desenvolvimento Infantil; Desenvolvimento Neuropsicológico; Memória Autobiográfica; Infância; Abordagens Teóricas; Growth and Development, Psychology Developmental, Autobiographical Memory, Child, Child Preschool e Theoretical approaches. Salienta-se que não foi utilizado critério de delineamento em termos de período temporal considerado, ou seja, ano de publicação dos artigos.

### **Concepções sobre o sistema de memórias autobiográficas**

Tulving (1972) foi o primeiro teórico a se aproximar de uma definição do que hoje chamamos de MA. Apesar deste não aprofundar sobre a diferença entre o que denominou eventos ocorridos em nossa vida e eventos autobiográficos, contribuiu significativamente com a proposição do sistema de memória episódica, a saber, a memória oriunda de eventos pessoalmente vivenciados, sobre os quais temos uma consciência autoconsciente.

Ainda na década de 70, já era possível encontrar pesquisas direcionadas à investigação da MA, como por exemplo, aquela realizada por Linton (1975) que estudou a sua própria memória através da produção de diários. No entanto, tais estudos só ganharam força e se consolidaram como temática relevante de pesquisa na década de 80. Exemplo disto é a publicação do primeiro livro dedicado à MA, editado por Rubin (1986). Na sequência, identifica-se gradativo interesse pelo tema, tornando-se esse alvo de pesquisadores de diferentes abordagens, que propuseram concepções e técnicas investigativas específicas para a MA.

Verifica-se ainda na década de 80, o interesse crescente pelo processo de desenvolvimento da MA, que passa a ser investigada em pré-escolares através de estudos longitudinais. Em 1983 Sachs mapeou as primeiras narrativas verbais em relação ao passado produzidas por sua própria filha (Sachs, 1983). Mais adiante, em 1985, Eisenberg analisou, microgeneticamente, os diálogos estabelecidos entre duas meninas espanholas, conversando sobre seu dia-a-dia (Eisenberg, 1985), enquanto Nelson, desenvolveu estudo que tornou-se referência no domínio da MA, ao registrar as falas noturnas de uma criança, quando esta tinha 2 anos de idade, também falando sobre acontecimentos cotidianos (Nelson, 2006).

Historicamente os estudos desenvolvimentais sobre o sistema mnemônico foram realizados a partir de diferentes abordagens teóricas e, conseqüentemente, apoiadas por



distintos métodos de pesquisa. Metodologicamente, é possível identificar dois grandes grupos que congregam algumas das diversas abordagens existentes. Um destes defende a realização de experimentos em laboratório, pois acredita que para generalizar os dados obtidos é necessário isolar o objeto de estudo da influência de variáveis externas. Por outro lado, o outro grupo, de base holística, defende que a memória deve ser investigada de forma contextualizada, no ambiente no qual ela se desenvolve, pois é impossível dissociar esta do seu meio histórico e social (Baker-Ward & Ornstein, 2013; Nelson, 2013).

No tocante às distintas abordagens teóricas que se dedicam à investigação da MA, o que se verifica são desencontros e aproximações em relação a construtos centrais para a sua compreensão, notadamente no que tange ao período da amnésia infantil (AI). De um lado, os proponentes da teoria *Fuzzy-trace* alegam que o final do período da AI e a emergência da MA, estão diretamente associados às mudanças na natureza das representações de memória. De acordo com esta teoria, podemos representar memórias a partir de traços mnemônicos diferentes e independentes uns dos outros. Um tipo de traço vincula-se ao armazenamento de conteúdo literal e exato, este seria mais facilmente acessado e exigiria menor esforço do sujeito que evoca. Porém, seria mais susceptível a interferências e ao esquecimento. Ao passo que o outro, estaria relacionado à essência e ao significado, e seria portanto difuso, variável e inexato (Brainerd & Reyna, 2005; Brainerd & Reyna, 1993, 2002; Reyna & Brainerd, 1998).

Durante a infância, a criança já conseguiria representar as memórias a partir destas duas formas, entretanto, haveria uma tendência para formar representações literais, devido a sua natureza menos complexa e à demanda de conhecimento semântico exigido para a formação dos traços de essência. Com o passar dos anos e o desenvolvimento da linguagem, de forma gradativa, a criança inverteria este cenário, passando a utilizar predominantemente os traços de essência. Tal mudança justificaria o fim do período da AI, pois as memórias registradas através de traços de essência tendem a permanecer, enquanto as literais são mais facilmente perdidas (Brainerd & Reyna, 2013).

Para a tradição evolucionista, as mudanças que ocorreriam na infância fariam parte de um processo evolutivo ontogenético, voltado para a adaptação do sujeito a um determinado meio. Neste contexto, a imaturidade e dependência características do bebê humano, configurariam um período de plasticidade valioso para o desenvolvimento de aptidões requeridas pelo meio, bem como para a MA. De acordo com esta abordagem, as crianças não nasceriam com a capacidade de registro autobiográfico, esta emergiria ao longo dos anos a partir do surgimento de habilidades, tais como, a representação episódica e semântica, a conceptualização abstrata e a consciência sobre o *self*, em conjunto com a maturação das demais regiões cerebrais e funções cognitivas (Howe, 2013).

Neste processo, o que distinguiria o ser humano dos demais animais, permitindo-o adquirir um subtipo mnemônico tão sofisticado como a MA, seriam diferenças qualitativas da representação mnemônica e a junção de algumas habilidades que suportariam o



desenvolvimento de funções cognitivas que a estruturam. Nessa direção, argumentam que o homo sapiens apresenta capacidade de memória de trabalho superior aos demais animais. Outra característica que contribuiria para a formação da MA é o fato que os bebês já seriam altamente atentos a sinais sociais e relações interpessoais, sendo especialmente vigilantes aos eventos que ocorrem em seu mundo social (Bjorklund & Sellers, 2013; Howe, 2013).

Ainda sobre os evolucionistas, estes consideram que a consciência sobre o *self* emerge juntamente com a MA, sendo a primeira de fundamental importância para esta última. Ressalta-se que, para os mesmos, a capacidade de refletir sobre si mesmo não é um pré-requisito para a memória autobiográfica, e sim uma consequência fenomenológica desta nova aliança alcançada filogeneticamente: *self*-memória. E seria essa capacidade de autorreflexão que levaria ao que Endel Tulving (2002) chamou de consciência auto-noética.

Ademais, a MA tem importância para esta perspectiva, pois além do registro das "leis" ou regras que regem o ambiente, no qual nos encontramos em desenvolvimento, ela se responsabiliza pela representação de eventos específicos que são importantes para a nossa sobrevivência. Ademais, propicia ao ser humano visão de mundo que o permite antecipar comportamentos futuros próprios e até mesmo dos outros (Gabora & Aerts, 2010).

Outro modelo explicativo para a MA é aquele que problematiza acerca da emergência do *self* cognitivo, tendo como perspectiva teórica subjacente o processamento da informação. Para estes, só após o desenvolvimento da noção de *self* seria possível falar-se em surgimento da MA, pois a partir de tal evento, ocorreriam mudanças qualitativas no sistema mnemônico, quando o *self* implícito passaria a ser explícito, ou seja, a partir da eclosão da noção de eu/mim. Assim, a socialização, cultura e linguagem teriam papel importante na organização da MA, mas não seriam os elementos que propiciam o seu surgimento e não interfeririam de forma ativa e direta em sua emergência (Howe & Courage, 2004).

Em contraste, para a abordagem histórico cultural a linguagem configurar-se-ia como o elemento central no desenvolvimento da MA, pois a construção de narrativas acerca de eventos vivenciados pelo sujeito só poderia ocorrer após a aquisição da capacidade de representação, decorrente da entrada no mundo simbólico, quando é possível utilizar suporte representacional de forma compartilhada com os pares (Fivush & Nelson, 2004).

Para este domínio, a memória apresenta uma base natural biológica, mas é expandida a partir da influência social e de conhecimentos advindos da cultura, que são alcançados através da mediação da linguagem. Tal expansão é própria da espécie humana, uma vez que só pode ser adquirida por espécie imersa em uma cultura simbólica (Nelson, 2013).

A teoria histórico cultural parte da concepção de que a MA vai além de uma ME, por envolver o que se denomina "viagem mental no tempo", proporcionada pela consciência auto-noética (Tulving, 2002). De tal modo, nem toda memória pessoal é ou torna-se autobiográfica. Há, por exemplo, uma espécie de memória generalizada que estrutura eventos de rotina, chamada de memória generalizada para scripts (Nelson & Fivush, 2004).



Grande volume dos estudos sobre o desenvolvimento da MA sofreu influência da abordagem histórico cultural, tendo em vista que o interesse pelo estudo deste fenômeno se tornou mais intenso a partir de investigações desta corrente sobre a memória do dia-a-dia (Fivush, Gray, & Fromhoff, 1987). A contribuição dessa abordagem para o estudo da MA foi inspirada em diferentes teóricos histórico culturais, notadamente, em Vygotsky (1934/1962).

No que se refere a relevância do meio social e linguagem para a ontogênese, identifica-se confluência entre a abordagem evolucionista e os pressupostos da perspectiva histórico cultural, uma vez que ambos destacam a importância das transformações históricas e culturais para a filogênese e, conseqüentemente, para a ontogênese. Exemplo destas são o surgimento ou invenção da linguagem e criação de uma língua alfabética escrita (Nelson, 2013).

Assim, em relação ao perfil ontogenético da MA, sugere-se que esta emergiria, gradualmente, ao longo dos anos pré-escolares, em coconstrução com outras habilidades, tais como, sistemas básicos de memórias, linguagem e narrativa, compreensão temporal, constituição do *self*, teoria da mente e o vínculo com os pais. Além disso, seu desenvolvimento também sofreria grande influência do meio cultural, em especial das histórias orais que os adultos estabelecem com a criança (Nelson & Fivush, 2004).

Para esta abordagem, as memórias provenientes dos primeiros anos de vida podem apresentar caráter declarativo e corresponder a uma experiência única, como mostram os estudos de imitação provocada e deferida, nos quais crianças muito novas recordam conscientemente eventos não verbais (Bauer, 2015b; Fivush, Gray, & Fromhoff, 1987; Fivush & Nelson, 2004). Acredita-se que a base da memória episódica já estaria presente nesta faixa etária. A criança conseguiria lembrar de experiências únicas (para além de memórias generalizadas de script), entretanto, tal recordação se daria de forma fragmentada, em “pedaços”, em decorrência da falta de integração da estrutura narrativa (Fivush, 2011; Rubin, 1986; Van Abbema & Bauer, 2005).

Este tipo de memória teria duração média de 6-12 meses, em alguns casos, mais tempo (Bauer & Fivush, 2010; Fivush, 2011). Entretanto, estas não seriam equivalentes ao conceito de memória episódica postulado por Tulving, posto que, este implica em uma consciência autooética e o *self* autooético é uma construção social-pessoal gradativa, que ainda não estaria completamente formada em pré-escolares, assim como, o domínio da linguagem e outras habilidades importantes para a MA (Fivush, 2011; Nelson, 2013).

Por conseguinte, ainda não se considera a presença de MA nesta faixa etária, tal tipo de lembrança é denominada pelos teóricos histórico culturais de memória básica para eventos vivenciados e, com o passar do desenvolvimento, ela daria lugar para a MA que, por sua vez, é autoconsciente, autonarrativa, de longo prazo e relacionada à evocação de eventos passados e prováveis acontecimentos futuros (Fivush, 2011).



De forma geral, Nelson & Fivush (2004) definem a MA como uma memória de longa duração, episódica e pessoal (história do *self*), que se circunscreve em um único episódio ou período de vida específico e apresenta 3 pontos-chaves: sua emergência se dá gradualmente nos anos pré-escolares, de forma que, não é possível delimitar ponto de inflexão no qual as crianças passam a ter esse tipo de memória; neste contexto, a linguagem é ferramenta histórico-cultural imprescindível e em conjunto com outras habilidades, como a noção do “eu” e a capacidade de identificar um episódio específico e localizá-lo no espaço e tempo, permite a emergência da MA. Além disso, este tipo de memória sofre a influência de aspectos culturais, de gênero e individuais.

Por fim, outra vertente investigativa sobre a MA, que tem se destacado atualmente, são as neurociências. A partir de pesquisas que se apoiam em ferramentas de cunho tecnológico, já foi possível avançar e problematizar acerca de pontos polêmicos no estudo da MA, como por exemplo, a discussão se a MA seria um subsistema da ME ou um sistema independente. Os estudos mostram que a evocação de ME e MA ativam áreas cerebrais idênticas, no entanto, na recordação de uma MA há áreas recrutadas que não são demandadas na evocação de uma recordação exclusivamente episódica (Gilboa, 2004, 2007; Matura et al., 2012; Nelson & Fivush, 2004; Pathman, Samson, Dugas, Cabeza, & Bauer, 2011).

Os dados oriundos de investigações utilizando técnicas de neuroimagem sugerem que a recordação de evento autobiográfico, ao contrário da recordação de evento episódico, ativa o córtex pré-frontal ventromedial e o córtex cingulado posterior. Estas áreas são conhecidas como relacionadas diretamente ao processamento de autorreferência, conhecido como noção de *self*. A capacidade de autorreferência emerge gradativamente durante o processo desenvolvimental e permite ao ser humano se diferenciar do outro, refletir sobre sua posição singular em sociedade e, até mesmo, desenvolver uma consciência autoconsciente. (Gilboa, 2004; Matura et al., 2012).

Os estudos de neuroimagem também permitiram mapear todas as áreas cerebrais envolvidas na evocação de uma MA. Hoje sabe-se que este processo está associado à ativação de uma rede neuronal distribuída de forma difusa, abarcando o hipocampo e córtex circundantes a este, a amígdala, o córtex retrosplenial, regiões parietais posteriores, córtex visual e córtex pré-frontal em sua porção lateral e medial (Gilboa, 2004; Rabin, Gilboa, Stuss, Mar, & Rosenbaum, 2010; Riggins & Nelson, 2013; Spreng, Mar, & Kim, 2009).

À guisa de conclusão deste tópico apresenta-se a proposição avançada por Rubin e Umanath (2015). Como visto anteriormente, para Tulving (1972, 2002) a ME envolve uma consciência autoconsciente que permite ao sujeito, voluntariamente, reviver uma experiência única vivenciada por ele próprio, a partir de uma perspectiva do *self*. Esta se diferencia da memória semântica (MS), caracterizada como uma memória factual ou de conhecimento, que não responde aos questionamentos “o quê?”, “quando?” e “onde?”, nem é evocada através da perspectiva de primeira pessoa.



Neste contexto, Rubin (2015) propõe que as memórias explícitas sejam categorizadas como semânticas ou de eventos. A MS mantém conceito similar ao postulado por Tulving (2002), a grande diferença centra-se sobre a nova classificação, denominada de memória de eventos. Esta última abarca as lembranças, voluntárias ou involuntárias, recordadas a partir da perspectiva de primeira pessoa ou de terceiros, que são referentes a eventos, construídos mentalmente a cada recordação e estas podem ser acompanhadas da sensação de reviver o momento do evento ou não.

Ainda sobre a memória de evento, Rubin (2015) adiciona nesta categoria recordação composta da junção de eventos bastante semelhantes e, portanto, esta não trata exclusivamente, da memória de um único evento. Além disso, o mesmo considera que a capacidade de reviver acontecimentos é decorrente da sua forma de evocação, que envolve a construção mental do evento, e por ser uma construção, esta pode ser tomada de qualquer lugar ou lócus, tanto da primeira pessoa, quanto de terceiros. Neste sentido, ele sugere a substituição do termo reviver por construção da cena.

No tocante à MA, esta perspectiva a considera como um termo geral utilizado para as memórias relacionadas com o *self*, e não como uma categoria ou sistema autônomo dentre as memórias explícitas. Desta forma, a MA abarca memórias semânticas e de eventos relacionadas à vida do sujeito. Rubin (2015) justifica que diversos autores tentaram esclarecer as diferenças entre ME e MA, sem chegar a um consenso. Assim, para o autor, o termo MA não teria uma definição única, mas estaria associado às diferentes abordagens teóricas.

### **Estudos desenvolvimentais sobre memória autobiográfica**

A alusão a estudos de cunho desenvolvimental, exige necessariamente que estes considerem as mudanças oriundas dos processos dinâmicos que possibilitam a emergência da novidade. Tal dinamicidade levanta questões metodológicas, tendo em vista a necessidade de circunscrição de métodos que contemplem as variáveis que atravessam o processo de mudança e a direção do desenvolvimento (Bauer & Fivush, 2013).

Nesse sentido, a complexidade inerente à pesquisa sobre o processo de desenvolvimento da memória e seus subsistemas, conduziu os pesquisadores à proposição de metodologias diversas. Entretanto, a variabilidade das abordagens explicativas da MA, anteriormente descritas e, conseqüentemente, os diferentes caminhos metodológicos propostos, levou a repostas díspares. Além disso, um sistema dinâmico, constituído pela interação de diferentes variáveis, corre o risco de ser mal ou parcialmente compreendido, quando o processo investigativo não o contempla de forma integral (Bauer & Fivush, 2013; Valsiner & Bastos, 2012). Adicionalmente, além das questões inerentes a um estudo desenvolvimental, a MA detém característica que pode constituir barreira no seu processo de investigação. Diferentemente da pesquisa com outros tipos de memória, no caso desta, nem



sempre o avaliador consegue ter controle sobre a situação de aprendizagem, o que dificulta seu processo de análise e mensuração (Baddeley, Anderson, & Eysenck, 2011).

Neste sentido, em busca de dados mais fidedignos sobre o construto MA, contemplando a sua complexidade, identifica-se grande número de pesquisas que utilizam múltiplos níveis de análises, bem como recorrem à investigação de caráter longitudinal. São utilizados, por exemplo, desenhos metodológicos que comportam diferentes métodos, com apreciação conjunta de processos biológicos e cognitivos, considerando ainda, os contextos social e cultural (Miller, 2013). Acerca das pesquisas sobre o desenvolvimento da MA, destaca-se que estas se debruçam, especialmente, sobre o período da amnésia infantil (AI), conforme discutido a seguir.

### **Amnésia infantil**

Em relação ao desenvolvimento da MA durante a infância, há consenso em termos da admissão que, após este período, as recordações passam a ser mais específicas, são preservadas por mais tempo e são menos influenciadas pela sugestibilidade (Bauer & Larkina, 2013; Pergher, 2010; Ornstein, & San Souci, 2008; Ceci & Bruck, 1995). Entretanto, embora seu progresso quantitativo e qualitativo durante a infância não sejam questionados pelos diversos pesquisadores, ainda não há concordância em relação a como ocorre esse processo desenvolvimental (Bauer, 2015a, 2015b; Miller, 2013; Nelson, 2013; Schneider, 2015a).

Curiosamente, já foi demonstrado que durante a AI, crianças muito novas, até mesmo aquelas em estágios pré-verbais, conseguem evocar eventos passados. Tais achados foram evidenciados através do uso de diferentes técnicas, tais como a imitação deferida e provocada ou, quando já adquiriram a linguagem oral, através de relatos orais. Tais achados tornam ainda mais desafiador o entendimento do porquê é tão difícil resgatar, posteriormente, tais lembranças (Fagan, 1973; Rovee-Collier & Giles, 2010).

A AI contempla duas fases principais, sendo a primeira destas iniciada no nascimento e finalizada por volta dos 3 ou 4 anos. Sobre esta etapa, acredita-se que a maioria dos adultos têm poucas ou nenhuma recordação autobiográfica. Na segunda fase, que vai dos 5 aos 7 anos, os adultos apresentam mais lembranças autobiográficas, entretanto, este número ainda é menor do que o esperado para a taxa de esquecimento normal. É apenas sobre a primeira década de vida que grande parte dos adultos são capazes de recordar número significativo de MAs (Bauer, 2015a).

Historicamente as principais teorias que tentam explicar a amnésia infantil se dividem em dois grandes grupos. Um destes entende que as memórias dos primeiros anos de vida são consolidadas, mas são obscurecidas pela amnésia infantil e, conseqüentemente, desaparecem. O outro grupo não acredita que as memórias sejam formadas nesse período,



devido à imaturidade do sistema nervoso e, portanto, as lembranças autobiográficas só se iniciam após esta fase (Bauer, 2013, 2015a, 2015b).

De forma mais detalhada, o primeiro grupo aposta que as memórias são formadas, mas não podem ser acessadas, pois há um esquecimento funcional. Um dos precursores desta linha de pensamento foi Freud (1856-1938) com a teoria do recalque (Freud, 1934). Seguindo esta perspectiva, mais adiante, teóricos postularam que distintos períodos da vida são vivenciados através de diferentes estruturas cognitivas (lentes) e, quando estas lentes mudam, as lembranças formadas anteriormente tornam-se inacessíveis. Neisser (1986), por exemplo, acreditava que crianças pré-verbais codificavam as memórias de forma visual e não simbólica. Com o advento da linguagem, elas começariam a simbolizar e ficaria cada vez mais difícil resgatar lembranças anteriores.

O segundo grupo pondera que as memórias não são formadas nesse período, pois habilidades cognitivas necessárias a tal processo ainda estão se desenvolvendo. Neste grupo, há duas vertentes, uma se baseia nos achados de Piaget (1896-1980), sobre a incapacidade de bebês e crianças para representarem simbolicamente e organizarem eventos em ordem temporal, portanto, a imaturidade impediria os bebês de formarem a MA. Para a segunda vertente, a impossibilidade de formar memórias autobiográficas estaria associada à inexistência de uma noção de eu (Bauer, 2015a; Nelson & Fivush, 2004).

Recentemente, em revisão de literatura, Bauer (2015a) propôs uma nova justificativa para a amnésia infantil, denominada Teoria dos Processos Complementares. Para tanto, considera as duas principais abordagens tradicionais, sem que isto implique numa integração direta destas (Bauer, 2015a, 2015b). Bauer entende que ambas as abordagens têm relevância, entretanto, ao estabelecer uma analogia da AI com uma moeda, aponta que estas só consideram um lado, ou seja, focam em apenas um aspecto e esquecem de relacionar os processos como complementares.

Nesse sentido, ao focar sobre o esquecimento das memórias, tais teorias ignoram a diferença de qualidade entre as memórias formadas na infância e na idade adulta. Por sua vez, as teorias que enfatizam o surgimento tardio da MA não consideram as primeiras lembranças como autobiográficas e, portanto, não se debruçam sobre o fenômeno do esquecimento (Bauer, 2015a).

A Teoria dos Processos Complementares defende que as raízes da memória pessoal são desenvolvidas no início da vida. Considera que a imaturidade da linguagem não implica diretamente na inexistência de recordações autobiográficas, ou seja, relatos verbais nem sempre conseguem veicular todas as representações mnemônicas existentes. A MA emergiria, gradualmente, durante toda a infância, com aprimoramento gradual de sua expressão verbal e o aumento de traços de memória que a caracterizam (Bauer, 2015a, 2015b).



Deste modo, considera-se possível a presença de elementos de memória autobiográfica antes do final do segundo ano de vida, contudo, de forma ainda insipiente. O número e variedade de elementos destas aumenta ao longo da primeira infância, perdurando durante toda a adolescência. Estes também se tornam mais elaborados e integrados uns aos outros, em consequência disto, sua qualidade aumenta, pois a construção e manutenção se tornam mais “fáceis” e reconhecíveis como uma MA.

Em paralelo, também ocorrem aperfeiçoamentos a nível neural, associados aos processos de mielinização e poda sináptica. Nesse sentido, tal maturação desencadeia desenvolvimento e aprimoramento do próprio sistema mnemônico e, inclusive, de outras habilidades envolvidas na construção e evocação de uma MA, o que resulta na diminuição da vulnerabilidade dos traços de memória frente ao esquecimento (Bauer, 2015a, 2015b).

Neste contexto, Bauer (2015a) define MA como subsistema mnemônico que suporta a formação e retenção de eventos específicos, espacialmente e temporalmente localizados, bem como autorreferenciados e com conteúdo pessoal analisado a partir da perspectiva do *self*. Um relato autobiográfico completo deve apresentar elementos, tais como, quem participou, onde e quando ocorreu, o que aconteceu, os desdobramentos, como os participantes reagiram emocionalmente, os pensamentos ou avaliações sobre o evento. Além disso, os elementos devem ser apresentados, de forma coerente, com ordem cronológica adequada que permita ao ouvinte entender o que houve e o seu contexto.

Em decorrência das peculiaridades no desenvolvimento da MA, a autora sugere mudança ou flexibilização no conceito do que pode ser considerado uma MA. Destarte, a mesma acredita que a MA seria concebida de forma mais adequada ao ser considerada enquanto protótipo ou família de semelhanças com traços característicos, em detrimento de um conceito clássico com características bem delimitadas. Tal mudança, confere caráter autobiográfico a memórias pessoais adquiridas antes e durante o período da AI (Bauer, 2015a).

A autora ainda argumenta que, assim como os avestruzes são enquadrados no grupo das aves, mesmo sem conseguir voar como os demais animais desta categoria, algumas memórias formadas na primeira infância detêm número significativo de características autobiográficas, que possibilitam o seu enquadramento como uma MA, apesar de não serem explicitadas verbalmente (Bauer, 2015a).

### **Considerações finais**

A MA pode ser considerada um tema polêmico, no tocante a sua conceituação e processo desenvolvimental. Como visto neste artigo, os diferentes pontos de vista refletem concepções teóricas e metodológicas diferentes. Apesar da variabilidade em termos das abordagens teóricas, estas convergem ao admitirem que não há uma idade específica na qual



a MA emerge, pois esta é uma habilidade complexa, atravessada por diferentes fatores ambientais, culturais e históricos e pelo amadurecimento de outras funções cognitivas. Nesse sentido, defende-se a importância de ampliação dos estudos acerca das perspectivas teóricas da MA, bem como o investimento em novas pesquisas que contribuam para elucidar ou minimizar as polêmicas atualmente vigentes.

## Referências

- Baddeley, A., Anderson, M. & Eysenck, M. (2011). *Memória* (C. Stolling, Trad.) Porto Alegre: Artemed. (Original publicado em 2009).
- Baker-Ward, L. & Ornstein, P. A. (2013). The coaction of theory and methods in the study of the development of memory. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 41-64). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch3
- Bauer, P. (2013). The development of forgetting: childhood amnesia. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 513-544). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch22
- Bauer, P. (2015a). A complementary processes account of the development of childhood amnesia and a personal past. *Psychological Review*, 122(2), 204-231. doi.org/10.1037/a0038939
- Bauer, P. (2015b). Development of episodic and autobiographical memory: the importance of remembering forgetting. *Developmental Review*, 38, 146-166. doi.org/10.1016/j.dr.2015.07.011
- Bauer, P. & Fivush, R. (2010). Context and consequences of autobiographical memory development. *Cognitive Development*, 25(4), 303-308. doi.org/10.1016/j.cogdev.2010.08.001
- Bauer, P. & Fivush, R. (2013a). The development of memory: multiple levels and perspectives. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 1-13). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch1
- Bauer, P. & Fivush, R. (Org.s). (2013b). *The Wiley Handbook on the development of children's memory*. Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705
- Bauer, P. & Larkina, M. (2014). The onset of childhood amnesia in childhood: a prospective investigation of the course and determinants of forgetting of early-life events. *Memory*, 22(8), 907-924. doi.org/10.1080/09658211.2013.854806
- Bjorklund, D. & Sellers, P. (2013). Memory development in evolutionary perspective. Em P. J.



- Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 126–150). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch7
- Brainerd, C., & Reyna, V. (1993). Domains of fuzzy trace theory. Em M. L. Howe & R. Pasnak (Org.s). *Emerging themes in cognitive development* (vol. 1, pp. 50–93). New York: Springer-Verlag.
- Brainerd, C. & Reyna, V. (2013). Dual processes in memory development: Fuzzy-Trace Theory. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 480–512). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch21
- Brainerd, C. & Reyna, V. F. (2002). Fuzzy-Trace Theory and false memory. *Current Directions in Psychological Science*, 11(5), 164–169. doi.org/10.1111/1467-8721.00192
- Brainerd, C. & Reyna, V. F. (2005). *The science of false memory*. Oxford, Reino Unido: Oxford University. doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195154054.001.0001
- Durkheim, D. E. (1996). *As formas elementares da vida religiosa* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1912).
- Eisenberg, A. R. (1985). Learning to describe past experiences in conversation. *Discourse Processes*, 8(2), 177–204. doi.org/10.1080/01638538509544613
- Fagan, J. F. (1973). Infants' delayed recognition memory and forgetting. *Journal of Experimental Child Psychology*, 16(3), 424–450. doi.org/10.1016/0022-0965(73)90005-2
- Fivush, R. (2011). The development of autobiographical memory. *Annual Review of Psychology*, 62(1), 559–582. doi.org/10.1146/annurev.psych.121208.131702
- Fivush, R., Gray, J. T. & Fromhoff, F. A. (1987). Two-year-old talk about the past. *Cognitive Development*, 2(4), 393–409. doi.org/10.1016/S0885-2014(87)80015-1
- Fivush, R., Habermas, T., Waters, T. E. A. & Zaman, W. (2011). The making of autobiographical memory: intersections of culture, narratives and identity. *International Journal of Psychology*, 46(5), 321–345. doi.org/10.1080/00207594.2011.596541
- Fivush, R. & Nelson, K. (2004). Culture and language in the emergence of autobiographical memory. *Psychological Science*, 15(9), 573–577. doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00722.x
- Freud, S. (1934). New Introductory lectures on psycho-analysis. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 79(1), 86–87. doi.org/10.1097/00005053-193401000-00046
- Gabora, L. & Aerts, D. (2010). A model of the emergence and evolution of integrated worldviews. *Journal of Mathematical Psychology*, 53(5), 434–451. doi.org/10.1016/j.jmp.2009.06.004



- Gilboa, A. (2004). Autobiographical and episodic memory—one and the same? *Neuropsychologia*, 42(10), 1336–1349. doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2004.02.014
- Gonçalves, D. C. (2006). *Estimulação e promoção de memórias autobiográficas específicas como metodologia de diminuição de sintomatologia depressiva em pessoas idosas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Greenberg, D. & Rubin, D. (2003). The neuropsychology of autobiographical memory. *Cortex*, 39(4–5), 687–728. doi.org/10.1016/S0010-9452(08)70860-8
- Howe, M. (2003). When autobiographical memory begins. *Developmental Review*, 23(4), 471–494. doi.org/10.1016/j.dr.2003.09.001
- Howe, M. (2013). The co-emergence of the self and autobiographical memory: an adaptive view of early memory. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 545–567). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch23
- Howe, M., & Courage, M. (2004). Demystifying the beginnings of memory. *Developmental Review*, 24(1), 1–5. doi.org/10.1016/j.dr.2003.09.006
- Linton, M. (1975). Memory for real-world events. Em D. Norman & D. Rumelhart (Org.s). *Explorations in cognition* (pp. 376–404). San Francisco: Freeman.
- Matura, S., Muth, K., Magerkurth, J., Walter, H., Klein, J., Haenschel, C. & Pantel, J. (2012). Neural correlates of autobiographical memory in amnesic Mild Cognitive Impairment. *Psychiatry Research*, 201(2), 159–67. doi.org/10.1016/j.psychres.2011.06.007
- Miller, P. H. (2013). The History of Memory Development Research: Remembering our roots. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 15–40). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch2
- Neisser, U. (1986). Nested structure in autobiographical memory. Em D. C. Rubin (Org.). *Autobiographical memory* (pp. 71–81). Cambridge: Cambridge University. doi.org/10.1017/CBO9780511558313.009
- Nelson, K. (2006). Monologue as representation of real-life experience. Em K. Nelson (Org.). *Narratives from the Crib* (pp. 27–72). Cambridge: Harvard University.
- Nelson, K. (2013). Sociocultural Theories of Memory Development. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 87–108). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch5
- Nelson, K. & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: a social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111(2), 486–511. doi.org/10.1037/0033-295X.111.2.486



- Pathman, T., Samson, Z., Dugas, K., Cabeza, R. & Bauer, P. (2011). A “snapshot” of declarative memory: differing developmental trajectories in episodic and autobiographical memory. *Memory*, 19(8), 825-835. doi.org/10.1080/09658211.2011.613839
- Pergher, G. K. (2010). Falsas memórias autobiográficas. Em L. Stein (Org.). *Falsas memórias* (pp. 101-115). Porto Alegre: Artemed.
- Rabin, J. S., Gilboa, A., Stuss, D. T., Mar, R. A. & Rosenbaum, R. S. (2010). Common and unique neural correlates of autobiographical memory and theory of mind. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 22(6), 1095-1111. doi.org/10.1162/jocn.2009.21344
- Reyna, V. F. & Brainerd, C. (1998). Fuzzy-trace theory and false memory: new frontiers. *Journal of Experimental Child Psychology*, 71(2), 194-209.
- Riggins, T. & Nelson, C. A. (2013). Memory in at-risk populations: infants and children who experience metabolic disturbances during the prenatal period. Em P. J. Bauer & R. Fivush (Org.s). *The Wiley Handbook on the development of children's memory* (pp. 1017-1043). Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons. doi.org/10.1002/9781118597705.ch43
- Rovee-Collier, C. & Giles, A. (2010). Why a neuromaturational model of memory fails: exuberant learning in early infancy. *Behavioural Processes*, 83(2), 197-206. doi.org/10.1016/j.beproc.2009.11.013
- Rubin, D. C. (Org.). (1986). *Autobiographical memory*. Cambridge: Cambridge University. doi.org/10.1017/CBO9780511558313
- Rubin, D. C. & Umanath, S. (2015). Event memory: a theory of memory for laboratory, autobiographical, and fictional events. *Psychological Review*, 122(1), 1-23. doi.org/10.1037/a0037907
- Rubin, D. C., Wetzler, S. E. & Nebes, R. D. (1986). Autobiographical memory across the lifespan. Em D. C. Rubin (Org.). *Autobiographical memory* (pp. 202-222). Cambridge: Cambridge University. doi.org/10.1017/CBO9780511558313.018
- Sachs, J. (1983). Talking about the there and then: the emergence of displaced reference in parent-child discourse. Em K. Nelson (Org.). *Children's language* (pp. 1-96). New Jersey: Erlbaum.
- Schneider, W. (2015a). A brief History of memory development research. Em W. Schneider (Org.). *Memory Development from early childhood through emerging adulthood* (pp. 9-23). Cham, Suíça: Springer International. doi.org/10.1007/978-3-319-09611-7\_2
- Schneider, W. (2015b). *Memory development from early childhood through emerging adulthood*. Cham, Suíça: Springer International. doi.org/10.1007/978-3-319-09611-7
- Schneider, W. & Ornstein, P. (2015). The development of children's memory. *Child*



*Development Perspectives*, 9(3), 190-195. doi.org/10.1111/cdep.12129

Spreng, R. N., Mar, R. A. & Kim, A. S. N. (2009). The common neural basis of autobiographical memory, prospection, navigation, theory of mind, and the default mode: a quantitative meta-analysis. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 21(3), 489-510. doi.org/10.1162/jocn.2008.21029

Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. Em E. Tulving & Donaldson (Org.s), *Organization of memory* (pp. 382-403). New York: Academic.

Tulving, E. (2002). Episodic memory: from mind to brain. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 1-25. doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135114

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. (A. Bastos, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2007).

Van Abbema, D. & Bauer, P. (2005). Autobiographical memory in middle childhood: recollections of the recent and distant past. *Memory*, 13(8), 829-845. doi.org/10.1080/09658210444000430

Vygotsky, L. S. (1962). *Thought and language*. Cambridge: MIT. (Original publicado em 1932).

#### **Nota sobre as autoras**

*Artemis Paiva de Paula* é graduada e mestre em Psicologia e especialista em Neuropsicologia Clínica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia (LAPEN) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: artemisdepaula@gmail.com

*Izabel Augusta Hazin Pires* é graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialista em Neuropsicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre e doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco e tem pós-doutorado pela Université René Descartes - Paris V. Atualmente é professora do Departamento de Psicologia e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde também coordena o Grupo de Pesquisa LAPEN (Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia). E-mail: izabel.hazin@gmail.com

Data de recebimento: 12/10/2016

Data de aceite: 10/09/2017